

A VIDA PORTUGUESA

BOLETIM DA "RENASCENÇA PORTUGUESA,"

Director—JAIME CORTESÃO

Secretário da redacção e administrador: ÁLVARO PINTO—Editor: António Vieira

Redacção, administração e tipografia: Praça da República, 160, 161 e 162—Assinatura, 10 n.ºs 20 ct.vos. (Brasil—1\$000 rs. fr.)

UNIVERSIDADES POPULARES

IX

NACIONALISMO E COSMOPOLITISMO

AQUELES que, ao estudar as causas da decadência portuguesa, as filiam exclusivamente no seu isolamento e aconselham como panacea aos muitos males de que enfermamos, a educação cosmopolita, o banho salutar nas aguas lustrais da civilização estrangeira, para nos limparmos duma crassa e selvática ignorância, consideram a *Renascença Portuguesa* uma espécie de cidadela, onde se tenta encarcerar o espirito português, pobre Danai, cuja torre só um jóvico poder teria o condão de penetrar.

Trata-se, apenas, dum exagero. Nada de mais falso e injusto do que essa opinião. Bastaria o interesse que à Renascença Portuguesa tem merecido o problema das Universidades Populares, basta o facto de actualmente manter dentro do território da República tres desses estabelecimentos para formalmente contraditar essa opinião. É evidente que o papel das Universidades Populares, tendo de obedecer às necessidades do meio, e sendo nacionalizador por consequência, desmentiria o próprio nome, se acaso pretendesse em matéria de ensino, cingir-se às conquistas scientificas do século XVII desinteressando-se de todo o movimento moderno.

Muito antes ao contrario. E tanto assim que esse proprio ideal de lusitanisação não passa da applicação particular duma larga tendência moderna — a que leva as nacionalidades a definirem nitidamente a sua obra civilisadora, procurando fazer da sua acção actual um corpo vivo com raizes no passado.

Entendemos, todavia, que *Renascença* em Portugal implica actualisação de processos e conhecimentos em relação a todo o mundo civilisado. Nem por sombra negaremos tambem que a nossa decadência representa um atraso formidavel em relação a um grande número de nações estrangeiras, cujo adeantamento económico e científico

nos é bem necessário conhecer, se não quisermos ser inutilisados por essa corrente de Vida que esmaga aqueles que a não acompanham. É por isso mesmo que entre os nossos cursos de inscrição apareceram este ano os de linguas vivas e ninguem negará que o ensino do inglez e do alemão, constitua um poderoso meio para quebrar um pouco esse fatal isolamento de que o português tem sofrido, com tão perniciosos resultados, conforme as afirmações de muitos criticos da nossa decadência.

Mas quem, no entanto examinar o movimento de interesse que na França Hespanha, Inglaterra e Alemanha se está formando em volta da literatura portuguesa contemporanea e em especial dos poetas, quem inquirir das causas determinantes desse movimento de simpatia, entenderá claramente que só a revelação profunda desse espirito bem português tem criado curiosidade e admiração em volta da nossa literatura.

Se acaso alguém duvida das nossas palavras, queira ler então o livro recente de Bell — que na Inglaterra trouxe alguns dos nossos poetas para a discussão dos criticos literários.

Bell, referindo-se ao poeta Teixeira de Pascoais, apresenta-o como um poeta bem nacional, característica, que só lhe provoca louvores, e, de passo, refere-se à influencia desnacionalisadora da Universidade e da capital.

Em apoio, ainda, da nossa acção, bastar-nos-hia trazer como argumento, que senhores duma literatura riquíssima, e duma história admiravel, ainda não organizamos a nossa história literária e que tanto numa como noutra devemos alguns dos melhores trabalhos de investigação, organização e crítica, a estrangeiros, a cujos nomes, como Schaeffer, Storck, Carolina Micaëlis, Major, Prestage, etc., difficilmente poderemos opôr nomes de portugueses, que se lhes iguaem.

Emquanto, pois, nem sequer nós tivermos realizado os trabalhos históricos que lá fóra os estrangeiros vão organizando, para suprir a nossa deficiencia, não deixaremos de pugnar pelo ensino da história e da história da literatura, como meio educativo nacionalisante, absolutamente indispensavel nas nossas Universidades Populares.

É, em obediência a esse plano, que depois de amanhã o illustre professor Dr. Alfredo C. de Magalhães inicia na Universidade Popular do Porto as suas lições sobre Gil Vicente, um dos mais lídimos e genuinos portugueses de todos os tempos.

JAIME CORTESÃO.

Fev. 9.



Questões económicas

O LIVRE-CAMBIO

À inercia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a industria do povo, pelo povo e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontanea.

ANTERO DE QUENTAL.

II

DIR-SE-Á que se permitirmos a entrada livre dos produtos estrangeiros deixaremos nós de produzir, e estaremos perdidos em pouco tempo.

Um economista já antigo respondeu a este argumento com a seguinte observação:

— Os estrangeiros não nos dão de presente as mercadorias.

Não nos dando eles de presente as mercadorias, é claro que nós lhas pagaremos; e como as haveríamos de pagar, a não ser com o produto do nosso trabalho?

Antigamente nós, portugueses, e os espanhoes, arrancavamos o ouro da America; mas esse tempo já passou. Hoje teremos de pagar o que importamos com o produto do nosso trabalho produtivo.

O livre comercio com o estrangeiro permite-nos importar as mercadorias a que o solo, a industria, o clima, o capital dos outros países são mais apropriados, e exportar para pagamento dessas mercadorias os objectos a cuja produção é mais apropriado o nosso país.

Como nenhuma importação pode continuar sem uma exportação correspondente, resulta da importação livre um incitamento bem positivo ás indus-